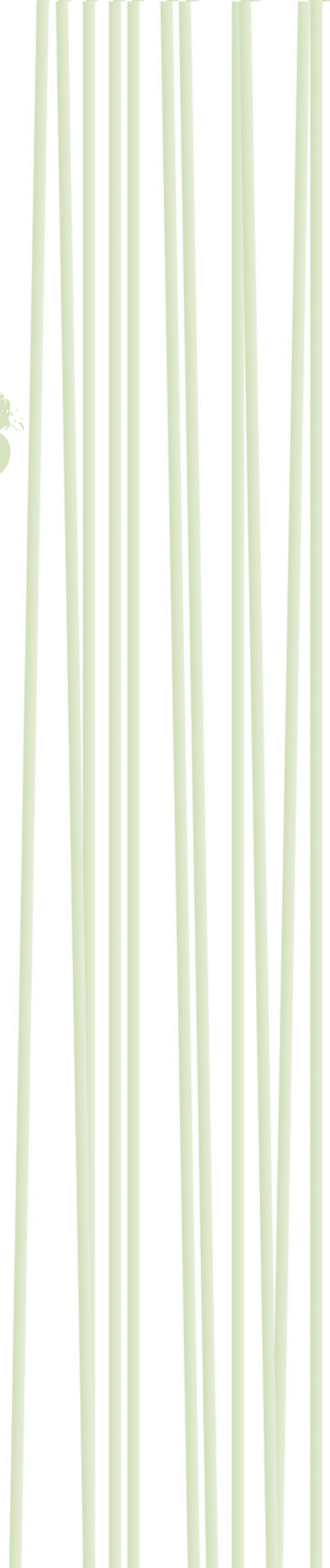


SÉRIE ENSINAR LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL



SÉRIE ENSINAR LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

[coordenação: Stella Maris Bortoni-Ricardo]

- 1. *Falar, ler e escrever em sala de aula — do período pós-alfabetização ao 5º ano***
Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria Alice Fernandes de Sousa
- 2. *Integração de crianças de 6 anos ao ensino fundamental***
Silviane Bonaccorsi Barbato
- 3. *A construção da leitura e da escrita — do 6º ao 9º ano do ensino fundamental***
Marcia Elizabeth Bortone e Cátia Regina Braga Martins
- 4. *Educação de jovens e adultos***
Maria do Rosário Ribeiro Alves

SÉRIE ENSINAR LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

3

Marcia Elizabeth Bortone
Cátia Regina Braga Martins

[coordenação: Stella Maris Bortoni-Ricardo]

A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA



DO 6º AO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

π
Parábola

EDITOR: *Marcos Marcionilo*

CAPA E PROJETO GRÁFICO: *Andréia Custódio*

CONSELHO EDITORIAL: *Ana Maria Stahl Zilles* [Unisinos]
Carlos Alberto Faraco [UFPR]
Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]
Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipol]
Henrique Monteagudo [Univ. de Santiago de Compostela]
Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]
Marcos Bagno [UnB]
Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]
Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]
Salma Tannus Muchail [PUC-SP]
Stella Maris Bortoni-Ricardo [UnB]

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B748c

Bortone, Marcia Elizabeth
A construção da leitura e da escrita : do 6. ao 9. ano do ensino
fundamental / Marcia Elizabeth Bortone, Cátia Regina Braga Martins. - São
Paulo : Parábola Editorial, 2008.

136p. : il. -(Ensinar leitura e escrita no ensino fundamental ; v.3)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-88456-80-8

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental) - Estudo e ensino. I.
Martins, Cátia Regina Braga. II. Título. III. Série.

08-1677.

CDD: 469.8

CDU : 811.134.3'271

Direitos reservados à
PARÁBOLA EDITORIAL
Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga
04281-070 São Paulo, SP
Pabx: [11] 5061-9262 | 5061-1522
home page: www.parabolaeditorial.com.br
e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida
ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou me-
cânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou
banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-80-8

© do texto: Marcia Elizabeth Bortone e Cátia Regina Braga Martins, 2008

© desta edição: Parábola Editorial, São Paulo, maio de 2008

sumário

- 7** **INTRODUÇÃO** BRASIL MULTIFACETADO
A construção do letramento na escola, **9**
A proposta do livro, **11**
O porquê do tema “Brasil”, **12**
Palavras finais, **14**

PRIMEIRA UNIDADE: **BRASIL PANDEIRO**

- 17** **PRIMEIRA AULA**
1. Bem-vindos à sala de aula, **17**
2. Refletindo juntos, **29**
3. Saberes que colhemos na comunidade, saberes que colhemos nos livros, **40**
4. Trocando mensagens, **40**

SEGUNDA UNIDADE: **BRASIL DE TANTAS MARIAS**

- 45** **SEGUNDA AULA**
1. Bem-vindos à sala de aula, **45**
2. Refletindo juntos, **56**
3. Saberes que colhemos na comunidade, saberes que colhemos nos livros, **67**
4. Trocando mensagens, **67**

TERCEIRA UNIDADE: **BRASIL DE TANTAS CARAS**

- 73** **TERCEIRA AULA**
1. Bem-vindos à sala de aula, **73**
2. Refletindo juntos, **94**
3. Saberes que colhemos na comunidade, saberes que colhemos nos livros, **102**
4. Trocando mensagens, **102**

QUARTA UNIDADE: **BRASIL DE TANTO MAR**

107

QUARTA AULA

1. Bem-vindos à sala de aula, **107**
2. Refletindo juntos, **125**
3. Saberes que colhemos na comunidade, saberes que colhemos nos livros, **132**
4. Trocando mensagens, **133**

135

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



introdução

Brasil multifacetado

Que bela história tem esse povo brasileiro...

DARCY RIBEIRO

Caros professores,

Este é o volume 3 da Série **Ensinar leitura e escrita no ensino fundamental**, voltado especialmente para o trabalho pedagógico com a leitura e escrita na fase conclusiva do ensino fundamental, a partir do 6º ano de escolaridade.

Gostaríamos de convidá-los a construir um olhar diferenciado em relação ao ato de ler e à prática da escrita.

As unidades foram elaboradas na intenção de desenvolver novos procedimentos de leitura e escrita, uma vez que os indivíduos, inseridos em sociedades complexas, têm na escrita e na leitura a condição *sine qua non* para a integração.

Entendemos que o indivíduo letrado envolve-se cotidianamente nas práticas sociais de leitura e de escrita, o que, obviamente, altera sua condição do ponto de vista sociocultural, político, lingüístico e econômico, possibilitando plena participação social. É por meio da leitura (no seu sentido mais amplo) que o homem tem acesso à informação, defende seus pontos de vista e partilha dos bens culturais que a sociedade atual considera como legítimos, podendo exercer, assim, a cidadania.

É por entender a importância e a abrangência desse envolvimento que nos propusemos fazer com vocês esse percurso.

O documento do MEC/CNE 009/2001, ao formular as diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da educação básica, já enfatizava: quanto mais o Brasil consolidar as instituições políticas democráticas, mais fortalecerá os direitos da cidadania e mais ampliará o reconhecimento da importância da educação para a promoção do desenvolvimento sustentável e para a superação das desigualdades sociais.

Entre as inúmeras dificuldades encontradas para a implementação de uma política educacional eficiente, o documento destaca o preparo inadequado de muitos professores, cuja formação manteve-se predominantemente no formato tradicional, não contemplando as características consideradas, na atualidade, como inerentes à atividade docente. O documento destaca, entre outros, alguns procedimentos básicos, compatíveis com os novos paradigmas educacionais. Entre eles, salienta os seguintes:

▫ **Comprometer-se com o sucesso da aprendizagem dos alunos.** Esse procedimento altera toda uma concepção tradicional, que via no fracasso do aluno padrões de exigência do professor. Quanto mais os alunos tiravam notas baixas na disciplina, mais o professor se gabava de ser competente. Hoje sabemos que o bom professor é aquele que consegue transmitir com clareza o conteúdo e, ainda mais, que leva o aluno não só a adquiri-lo, mas a aprender a refletir sobre sua competência discursiva.

▫ **Assumir a diversidade existente entre os alunos e saber lidar com ela.** O professor deve ver a diversidade sociocultural existente entre os alunos como algo positivo e aprender a lidar com essa diversidade, respeitando as características de cada um, bem como levando seu aluno a respeitar o outro, com suas diferenças e peculiaridades. Em relação à diferença dialetal, o professor precisa mostrar ao aluno como reconhecer características contextuais e desempenhar papéis verbais de acordo com essas características. Não podemos dizer aos alunos que há uma fala certa e uma fala errada, mas que **há falas mais monitoradas e menos monitoradas** e que devemos usar umas ou outras de acordo com a situação na qual nos encontramos. É preciso construir uma metodologia que, sem desvalorizar qualquer norma, compare e diferencie as formas usadas em cada estilo de fala e lembre que a gramática da norma-padrão deve ser ensinada de maneira reflexiva, inserida em contextos discursivos, possibilitando ao aluno dominá-la e permitindo-lhe desenvolver a capacidade de monitorar seu estilo de fala.

▫ **Incentivar atividades de enriquecimento cultural.** É fundamental que o professor trabalhe em uma perspectiva interdisciplinar, levando o aluno a conhecer novas culturas, em especial as culturas de seu país, e a ampliar sua visão de mundo acerca das diferentes linguagens existentes (artes visuais, música, literatura, fotografia), compreendendo os gêneros textuais como ferramenta de acesso ao multiculturalismo.

▫ **Desenvolver práticas investigativas.** É crucial que as atividades de pesquisa sejam constantes na prática pedagógica do professor. O aluno precisa ser estimulado a buscar novos conhecimentos e a ter autonomia para construí-los.

▫ **Desenvolver hábitos de colaboração e trabalho em equipe.** O trabalho de pesquisa deve, sempre que possível, ser desenvolvido

em equipe. É importante ensinar o aluno a trabalhar de forma coesa e participativa.

n **Utilizar novas metodologias, estratégias e materiais de apoio.** É fundamental que o professor tenha um real interesse em conhecer não só as novas metodologias, como também as teorias que as fundamentam. A sociolinguística tem dado contribuições relevantes para o ensino de língua portuguesa nas escolas, entre outras, pela ampla discussão da questão dos níveis de letramento nas comunidades urbanas em vias de desenvolvimento. A análise textual contribui com a metodologia da leitura e da produção escrita ao trabalhar a tessitura do texto, salientando os elementos coesivos como suporte da estrutura global de coerência, e ao analisar os processos sociocomunicativos que entram na construção da leitura. E ainda, a análise do discurso contribui para a compreensão dos processos de significação, explicitando as condições de produção da leitura, compreensão que supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica.

A construção do letramento na escola

As práticas discursivas de letramento assumem importância fundamental por conta do papel que desempenham na formação do indivíduo enquanto ser social. Cabe à escola assumir as rédeas de um processo que lhe é pertinente, que é sua meta maior. Os estudos atuais sobre o letramento têm demonstrado sua importância, seja na prática escolar, opondo-se à concepção tradicional e mecanicista de alfabetização, seja como prática social, comparando-se os usos e funções da escrita e da leitura em sociedades tradicionais e modernas. Essas reflexões buscam, justamente, melhor definir as competências linguísticas do indivíduo inserido em sociedades complexas, nas quais a escrita e a leitura constituem condição primeira para a integração das pessoas como membros efetivos desse modelo de comunidade. As constantes transformações dessas sociedades exigiram uma redefinição das práticas sociais, que hoje incluem o uso constante da leitura e da escrita.

Nas sociedades pós-industrializadas, por exemplo, entende-se por alfabetizado o indivíduo que apenas aprendeu a ler e a escrever, mas não se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam. O letrado, por sua vez, seria aquele que se envolve nas práticas sociais de leitura e de escrita funcionalmente.

Nessa nova perspectiva, é crucial que nós, professores, entendamos que língua não é apenas um sistema abstrato que reflete nossos pensamen-

tos de forma neutra e imune às condições socioculturais. Ela é algo muito mais complexo, um jogo de poder, uma arena de conflitos, e é por isso que precisamos compreender bem suas diversas faces. A linguagem que usamos para ler o mundo determina, em grande medida, a forma como pensamos e agimos nesse mundo e sobre ele. Tais significados são, portanto, sempre construídos e produzidos, de forma contextual, no interior de práticas discursivas determinadas.

Quanto ao trabalho com a oralidade em sala de aula, deve-se salientar que não há uma fala certa e uma fala errada, mas que há falas mais monitoradas e menos monitoradas, que devemos usar de acordo com a situação na qual nos encontramos. É importante salientar, igualmente, que não há língua ou variedade melhor ou pior que outra, pois todas exercem a função precípua de comunicar. Portanto, todas as variedades devem ser valorizadas na escola. E mais: a norma-padrão não é melhor do que as outras, mas é a que goza de maior prestígio social, daí ser obrigação da escola ensiná-la para que os alunos possam usá-la em contexto formais.

Quanto ao trabalho com a leitura, é crucial entender que ela tem uma função primordial na formação de nossos educandos. Assim, precisa ser vista como um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção do significado do texto, a partir do conhecimento de mundo, dos conhecimentos lingüísticos, da intencionalidade do autor, entre outros. O texto, nessa perspectiva, não pode ser mais considerado como algo pronto e acabado, mas como um conjunto de pressupostos, intenções, implícitos que, somados aos fatores contextuais e intertextuais que evoca, criam um universo de leitura a ser desvendado pelo leitor.

A produção textual, por sua vez, precisa ser incentivada e, para tal, é necessário que se trabalhe com a noção de gêneros textuais/ discursivos, pois cada texto terá uma função social a desempenhar, entendendo-se que a língua deve ser trabalhada sempre em situações de uso real. Para tanto, é necessário utilizar diferentes gêneros presentes em nosso dia-a-dia, cumprindo diversas funções, tais como: divertir, anunciar, comunicar, persuadir, solicitar, instruir, informar, narrar, relatar, divulgar, documentar, anunciar, entre outras. Assim, reportagens, histórias em quadrinhos, propagandas, receitas, cartazes, bilhetes, cartas, poemas, artigos e tantos outros materiais escritos ocupam espaço privilegiado nas sociedades letradas. Esses textos possuem variações de tipos e funções de acordo com situações específicas de interlocução, daí ser tarefa prioritária considerar suas especificidades, tendo como ponto de referência suas condições de produção, uso social e funcionamento.

A proposta do livro

O presente livro não tem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de se trabalhar a língua, pretende sim construir com o professor novos caminhos, que lhe dêem a oportunidade de levar seus alunos a desenvolver habilidades de oralidade, leitura e escrita. Para tal, reproduzimos o universo da sala de aula, levando o professor a refletir sobre sua prática docente e dando-lhe subsídios teóricos e metodológicos para poder ir além.

Nossa principal intenção é desenvolver as quatro habilidades na língua: a flexibilidade comunicativa, a proficiência na leitura, a capacidade de reflexão e a competência na produção textual.

Salientamos, em primeiro lugar, nossa preocupação com o desenvolvimento de uma metodologia da leitura, que trabalhe as diversas dimensões, essenciais à construção desse processo: a dimensão contextual leva o aluno a compartilhar a visão de mundo do autor em diversos textos, bem como insere o texto em seu contexto sociocultural. A dimensão infratextual leva o aluno a responder questões inferenciais, que exigem uma compreensão não só do que está explícito no texto, como também dos pressupostos e das entrelinhas a partir das pistas que o texto oferece, o que é, seguramente, a dimensão crucial para a compreensão. Procuramos também trabalhar o diálogo constante entre os textos, dando espaço à análise da dimensão intertextual, mostrando, por exemplo, como a paródia desconstrói e reconstrói o texto original. A dimensão textual, por sua vez, é igualmente explorada para levar o aluno a perceber como as relações coesivas que se estabelecem na tessitura textual promovem sua progressividade e dão coerência ao texto.

O livro inclui textos de diferentes gêneros, como receitas, reportagens, artigos, gráficos, imagens, pinturas, tiras, crônicas, lendas, poesias, textos científicos e instrucionais, verbetes, mapas, propagandas, bem como se utiliza de diversos suportes (jornal, revista, livro, internet). Ao trabalhar com textos escritos e visuais, este volume da série **Ensinar leitura e escrita no ensino fundamental** enseja a leitura multimodal.

Outro aspecto que consideramos relevante é o trabalho referente à produção textual, o estímulo à reescrita, o trabalho coletivo com o texto e a preocupação de salientar a importância de trabalhar a escrita, sempre que possível, com uma função social real, o que estimula o aluno a perceber seu valor social. Em relação ao léxico, trabalhamos bastante os campos semânticos e as figuras de linguagem, mostrando como esses recursos semânticos e lexicais constroem os efeitos de sentido nos diversos gêneros literários e não-literários.

A maioria das atividades de reflexão gramatical parte do texto, mostrando as funções coesivas/argumentativas e os efeitos de sentido que as

conjunções, pronomes, advérbios, adjetivos, entre outros, exercem em seu interior. O estudo da gramática sempre contextualizada, reflexiva e funcional, procura evidenciar como o texto se organiza. A compreensão da tessitura textual também contribui para o desenvolvimento das competências em leitura e produção e da oralidade, que procuramos desenvolver por meio do processo interacional que se constrói em sala de aula, bem como em atividades a serem propostas aos alunos, como debates e entrevistas com a comunidade e com a família.

O porquê do tema “Brasil”

Hoje é prioridade o respeito, a valorização e o convívio harmonioso das diferentes identidades culturais existentes nos territórios nacionais, como condição de cidadania. Devemos reconhecer e valorizar nossas diferenças culturais, como fator para a coexistência harmoniosa das diversas manifestações culturais que compõem o Brasil e retratam nossa brasilidade. Para Darcy Ribeiro, em seu livro *O povo brasileiro*, valorizar a cultura europeísta em detrimento da cultura dos povos dos trópicos é uma visão perversa e um complexo de inferioridade que até hoje permeia o imaginário do povo brasileiro, tão afeito a imitar os países ricos e a se envergonhar de seu povo, de sua raça ... Darcy Ribeiro salienta:

Ao longo dos séculos, viemos atribuindo o atraso do Brasil e a penúria dos brasileiros a falsas causas naturais e históricas, umas e outras imutáveis. Entre elas, fala-se dos inconvenientes do clima tropical, ignorando-se suas evidentes vantagens. Acusa-se, também, a mestiçagem, desconhecendo que somos um povo feito do caldeamento de índios com negros e brancos, e que nos mestiços constituímos o cerne melhor de nosso povo (Fundação Darcy Ribeiro: <http://www.fundar.org.br/>).

Em fevereiro de 2005, foi realizado o I Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, para que o Brasil pudesse reconhecer e valorizar sua diversidade cultural. Transcrevemos aqui uma parte da fala do secretário Sérgio Mamberti, que proferiu a palestra inaugural.

Ao longo da história, a exclusão dos segmentos populares das políticas públicas de nosso país, bem como a segregação social e racial, tem sido fator determinante na desvalorização de sua produção cultural. Daí a urgência na discussão e construção de uma política nacional envolvendo os interessados — sociedade civil e gestores estatais — a partir de um amplo debate por todo o país, que deve levar em conta os contextos locais de decisão. Garantir as condições de criar, difundir e fruir as expressões das culturas populares, bem como o acesso à educação e formação de qualidade que respeite nossa diversidade cultural é direito e elemento fundamental de um projeto de desenvolvimento nacional.

(...)

A escola é um espaço público em que cada um — aluno ou professor — relaciona-se no cotidiano com o outro, com o diferente. A escola é um espaço da construção e reconstrução simbólica, e os profissionais da educação são também profissionais da cultura. É fundamental para um projeto democrático, que os cidadãos brasileiros sejam formados com o respeito e com a convivência dos diferentes grupos sociais como uma maneira de superar o preconceito, seja no espaço escolar ou fora dele, através de projetos especiais de arte-cidadania. (...)

Somos mestiços. Não apenas etnicamente mestiços. Somos culturalmente mestiços. Dançando o Aruanã sob a lua; rezando numa capela de Nossa Senhora de Chestokova; curvados sobre a almofada da renda de bilros; trocando objetos e valores no Moitará; depositando ex-votos aos pés dos nossos santos; sambando na avenida; contemplando a pedra barroca tocada pela eternidade do Aleijadinho; dobrando a gaita numa noite de frio, no sul; tocados pela décima corda da viola sertaneja; possuídos pelo frevo e o maracatu nas ladeiras de Olinda e Recife; atados à corda do Círio de Nazaré; o coração de tambores percutindo nas ruas do Pelourinho ou no sapateado do cateretê; girando a cor e a vertigem do Boi de Parintins e de São Luís; digerindo antropofagicamente o *hip-hop* no caldo da embolada ou do jongo. Somos irremediavelmente mestiços. A lógica da homogeneização nos oprime. Por isso gingamos o corpo, damos um passe e seguimos adiante como num drible de futebol ou numa roda de capoeira que, sem deixar de ser luta, tem alma de dança e de alegria. Como formular um projeto de políticas públicas de cultura, que contemple esse mosaico imperfeito? Como abrir janelas e portas e dizer: “Brasil, mostra a tua cara!”, como na canção de Cazuza?

Muito obrigado.

Brasília, 23 de fevereiro de 2004.

O ministro Gilberto Gil, em outubro de 2006, em audiência pública do Conselho de Comunicação Social no Senado Federal, falou sobre “Como preservar a identidade nacional”. Em seu discurso, ele afirmou que o Ministério da Cultura está criando formas de registro dos saberes brasileiros que possam repercutir em todo o sistema de ensino, para garantir a transmissão de saberes dentro de todo o ensino formal. Está na hora de garantir na escola um espaço privilegiado para a multifacetada cultura brasileira e, assim, tentar recuperar a auto-estima de nossos alunos por meio do resgate de nossas origens e de nossas expressões culturais. Este livro pretende, assim, ampliar a visão de mundo do aluno e construir valores solidários e humanísticos.

Palavras finais

É urgente o constante diálogo com o professor em exercício, trazendo novas abordagens, tanto no que se refere às especificidades dos discursos oral e escrito, como em relação aos processos de ensino/aprendizagem da leitura e produção de textos. O conhecimento das novas metodologias favorece a descoberta de novos caminhos dentro do cotidiano do professor.

O resgate da cultura brasileira, como forma de preservar nossa identidade, precisa ser implementado e considerado como uma das prioridades da educação no Brasil.

A formação continuada de professores de língua materna tornou-se uma necessidade integrada às próprias atividades educacionais; não um acréscimo ou complementação; muito menos uma proposta de suprir defasagens e incompletudes. A formação continuada, nessa perspectiva, constitui um programa de procedimentos que dá sustentação ao diálogo entre sujeitos que se constituem discursiva e socialmente, além de colocar o professor em um movimento de sempre refazer suas práticas. Atividades de formação continuada permitem a troca de papéis, de experiências, de informações, que possibilitem reflexões sobre “novas” realidades e sobre as conseqüências dessas “novas” abordagens no processo de ensino de língua materna.

É com esse espírito que dedicamos a vocês, professores e educadores, este livro, que — por meio de uma linguagem acessível e de exemplos concretos de sala de aula — pretende contribuir para a prática daqueles realmente comprometidos com a ampliação do universo lingüístico e cultural de seus alunos.

Márcia Elizabeth Bortone
Cátia Regina Braga Martins
Brasília, maio de 2008